

**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA**  
**FACULDADE DE EDUCAÇÃO**  
**CURSO DE GRADUAÇÃO EM PEDAGOGIA**

João Vitor Barreto Gomes de Sá

**borboletas, mariposas, pássaros e outros impossíveis bichos com asas: intercâmbio  
e investigação infantil no contexto dos Semilleros de Investigación**

**Brasília**  
**2022**

João Vitor Barreto Gomes de Sá

**borboletas, mariposas, pássaros e outros impossíveis bichos com asas: intercâmbio  
e investigação infantil no contexto dos Semilleros de Investigación**

Trabalho apresentado à banca examinadora da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília – FE/UnB como requisito para a obtenção do grau de licenciatura plena em Pedagogia.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Fátima Lucília Vidal Rodrigues

**Brasília**

**2022**

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA (UnB)

FACULDADE DE EDUCAÇÃO (FE)

**TERMO DE APROVAÇÃO**

**borboletas, mariposas, pássaros e outros impossíveis bichos com asas: intercâmbio e investigação infantil no contexto dos Semilleros de Investigación**

Trabalho apresentado à banca examinadora da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília – FE/UnB como requisito para a obtenção do grau de licenciatura plena em Pedagogia. Orientadora: Fátima Lucília Vidal Rodrigues

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Fátima Lucília Vidal Rodrigues  
Orientadora - Faculdade de Educação/UnB

---

Profa. Dra. Patrícia Lima Martins Pederiva  
Departamento de Métodos e Técnicas

---

Profa. Ms. Sheyla Gomes de Almeida  
Doutoranda do PPGE/FE

## AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer a todos os bons encontros da minha vida. Primeiramente à minha família nuclear: minha mãe Beatriz e minha outra mãe Tetéia, meus dois amores incondicionais, meu '*papai de amor*' Marcelo, minha irmã Amanda e meu irmão Cecelo — por tentarem entender sempre e sonharem meus sonhos. Também agradecer à minha tia Popô e ao meu tio Cacá . À vovó Betânia pelo carinho e abraço de vó sempre.

Agradecer também à minha família escolhida — todas as minhas amizades. Primeiramente amigas da escola: Nati, Carol, Letícia, Verdi, Jio e Luiza, que foram muito importantes e sempre me acolheram com muito carinho nos momentos mais difíceis da adolescência com várias risadas, recreios com conversas profundas e fofocas paralelas em sala. Também meus amigos de simulação da ONU, em especial um amigo muito dedicado e especial — o Igor. Meus amigos meninos, com dores e histórias parecidas com as minhas e que são verdadeiros anjos na minha vida: Carlos e Arthur. Agradecer também ao meu guia oficial de São Paulo *roomate* Ritis por acompanhar e aguentar meu surtos, fazer almoços deliciosos e me abraçar sempre que me via meio *fora do pino*.

À Universidade de Brasília, em toda a sua excelência, por me proporcionar tantos ambientes formativos interessantes desde a fila do Restaurante Universitário, às aulas de yoga até o varandão da FE1. Ao Semillero Brasil e à extensão universitária por me proporcionarem espaços de aprendizagem tão frutíferos e interessantes. Minhas amigas da faculdade, claro: Lívia, Lígia, Fernanda, Daniel, Bruna, Pétala, Gab e Bona. Por todas as reuniões na sala multiuso, os pastéis com caldo de cana depois do estágio, as caronas com o som do carro no volume máximo vendo o pôr-do-sol na barragem do paranoá, as raivas e as alegrias compartilhadas nas salas de aula. Agradecimento especial à professora e orientadora Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Fátima Vidal por me acompanhar durante toda a graduação e nesse processo de escrita, sempre com muita paciência e carinho. Agradecer também as professoras maravilhosas que encontrei pelo caminho, como: Patrícia Pederiva, Alexandra Militão, Blanca Nelly e amigos muito queridos de intercâmbio — Liz, Estéban e Juli.

Por fim, agradecer a todas as entidades e corpos celestiais que olham por mim, me protegem e me guardam.

"As árvores sempre me atraíram. As suas frondes arredondadas, a variedade de seu verde, sua sombra aconchegante, o cheiro de suas flores, de seus frutos, a ondulação de seus galhos mais intensa, menos intensa em função de sua resistência ao vento. As boas-vindas que suas sombras sempre dão a quem a elas chega, inclusive a passarinhos (e borboletas)<sup>1</sup> multicolores e cantadores. A bichos, pacatos ou não que nelas pousam. (...) Sombra e luminosidade, céu azul, horizonte fundo e amplo dizem de mim. Sem eles, sobrevivo mais que existo. Minha biblioteca tem algo disto. É às vezes como se fosse à sombra de uma mangueira (ou cajazeira)<sup>2</sup>"

**Paulo Freire**

"A palavra de um artista tem que escorrer substantivo escuro dele"

**Manoel de Barros**

*"Uma semente sabe esperar. A maioria das sementes espera pelo menos um ano antes de começar a crescer, uma semente de cereja pode esperar por centenas de anos. Pelo que exatamente cada uma delas está esperando, apenas a própria semente sabe, alguma combinação única de causas como temperatura, umidade, luz e muitas outras coisas são necessárias para convencer uma semente a sair das profundezas e correr o risco - a utilizar sua única chance de crescer. Uma semente está viva enquanto espera, cada bolota no solo está tão viva quanto o carvalho de 300 anos que faz sombra acima delas."*

**Hope Jaren**

---

<sup>1</sup> adição pessoal.

<sup>2</sup> adição pessoal.

## **RESUMO**

O seguinte trabalho tem como tema o " intercâmbio, curiosidade e investigação infantil no contexto dos Semilleros de Investigación" e acompanhado da questão: Qual é o impacto de experiências vividas por meio dos intercâmbios formativos dos Semilleros de Investigación? Como objetivo geral de pesquisa e diretamente vinculado à questão de pesquisa: compreender o impacto das experiências vividas em intercâmbios formativos vinculados aos Semilleros de Investigación. Além de três objetivos específicos, são eles: registrar a história de constituição dos Semilleros de Investigación pela América Latina - Colômbia, Chile e Brasil; problematizar a importância dos intercâmbios para o percursos formativo de pedagogos e pedagogas e sintetizar e traduzir experiências e histórias marcantes vividas em registros visuais através de fotografias e desenhos. A abordagem escolhida para o direcionamento metodológico foi a qualitativa — iniciando-se pela elaboração de um ensaio teórico a partir de um relato de experiência pessoal, além de um registro visual que sintetiza essa experiência vivida. Durante o percurso são utilizados alguns autores e autoras, como: Freire (1996) (2013), Vigotski (2003) (2009), Spinoza (2009), Hooks (2013), Rodrigues (2018) e Muñoz (2012) para acompanhar a reflexão. Por fim, nas considerações finais, apontamos para o impacto transformador da prática pedagógica que decorre da experiência dos intercâmbios e apresentamos os próximos caminhos e desdobramentos do ensaio — os passos para a construção de um livro infantil inspirado por essas experiências.

**Palavras-chave:** Intercâmbio; América Latina; Investigación; Infâncias.

## **ABSTRACT**

The theme this present work revolves around is "exchange programs, curiosity and childhood investigation in the context of *Semilleros de Investigação* (Research Sowers)" and is accompanied by the question: What's the impact of experiences lived through the formative exchange programs of the Semilleros de Investigação? The overall objective of this essay is to comprehend the impact of experiences lived in formative exchange programs linked to *Semilleros de Investigação*, besides other three specific goals. Which are: to register the history of the constitution of the Semilleros de Investigação in Latin America - Colombia, Chile and Brazil; to value the importance of exchange programs in the formative path of pedagogues and to sintetize and translate experiences and bold stories through photographs and illustrations. The chosen approach for the research was the qualitative – initiated by the writing of a theoretic essay based on a personal experience, besides a visual register that condenses the experience lived in the process. Some authors helped the to accompany the reflections on the text, such as: Freire (1996) (2013), Vigotski (2003) (2009), Spinoza (2009), Hooks (2013), Rodrigues (2018) e Muñoz (2012). In the end, as a conclusion, there is a comment about the next steps and others ramifications of the essay — the steps to the construction of a children's book inspired by those experiences.

**Keywords:** Exchange program; Latin America; Investigation; Childhood.

**SUMÁRIO**

APRESENTAÇÃO.....	8
PARTE I – MEMORIAL EDUCATIVO e PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS FUTURAS.....	9
PARTE II – ENSAIO.....	20
INTRODUÇÃO.....	20
CAPÍTULO 1 - DO SURGIMENTO AO ENCONTRO COM EXPERIÊNCIAS INVESTIGATIVAS.....	21
1.1 - Como surgem os semilleros.....	21
1.2 - Entrada no Semillero Brasil.....	24
CAPÍTULO 2 – INTERCÂMBIO E O ENCONTRO COM O LABORATÓRIO DEL ESPÍRITU Y MARIPOSÁRIO.....	26
CAPÍTULO 3 - REGISTROS VISUAIS DE UMA PRÁTICA EXPERIENCIADA.....	33
CAPÍTULO 4 - DE ASAS E DESENHOS.....	36
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	42
REFERÊNCIAS.....	46

## APRESENTAÇÃO

O presente Trabalho de Conclusão de Curso encerra um processo de formação inicial no curso de Pedagogia, na Faculdade de Educação (FE) na Universidade de Brasília (UnB). Ele está organizado em duas partes: a primeira sendo composta do memorial educativo e perspectivas profissionais futuras e a segunda um ensaio teórico.

No memorial educativo apresento um pouco do meu percurso formativo educativo até o presente momento – dentro e fora da escola. Nele, ressalto alguns aspectos que foram relevantes não só para a minha constituição enquanto sujeito, mas também como se deu a minha aproximação com a temática escolhida para este trabalho. Em seguida, apresento também algumas das minhas perspectivas profissionais futuras.

O ensaio teórico, por sua vez, está organizado em 4 partes. A ideia central é mostrar parte da evolução histórica dos grupos de semillistas pela América Latina (Colômbia, Chile e Brasil), como se deram seus encontros e diálogos e a minha relação íntima com a história. No primeiro capítulo apresento uma espécie de linha do tempo, as motivações de cada grupo semillista, suas proximidades e suas características únicas – além de explicar um pouco da minha entrada no Semillero Brasil. No segundo capítulo, verso um pouco sobre um dos pilares do projeto, o intercâmbio – seus impactos e sua importância formativa. Essa reflexão vem unida a um relato de experiência vivida no Laboratório del Espíritu e mariposário na Colômbia. As duas últimas partes do ensaio – capítulos 3 e 4 – são interconectadas. A terceira parte é uma justificativa acerca da minha necessidade de traduzir e registrar a experiência vivida através de imagens – sejam elas fotos ou desenhos e a potência envolta da criação e da arte. O quarto capítulo é, portanto, um compilado desses alguns desenhos, rabiscos, ilustrações e fotos que foram produzidos na época do intercâmbio ou depois, sobre momentos que me inspiraram a começar a pensar a estrutura de um livro infantil inspirado nesses momentos tão marcantes.

Por fim, trago algumas considerações finais sobre todo o processo que foi estudado, revisitado, experienciado e vivido e que serviu de inspiração para o início da construção da escrita e da ilustração de um livro infantil.

## Parte I

### MEMORIAL EDUCATIVO

#### guanará, belisco e a invenção de mim mesmo

Em alguns momentos, achei que tivesse nascido em uma segunda-feira, com ares mais obstinados e rígidos. Mas às vezes também me pensava como um domingo, mais ranzinza e melancólico. Ou até mesmo uma quarta, insossa e meio cansativa. Descobri depois de alguns anos que nasci em uma sexta-feira à noite. Mais precisamente, foi no dia 24 de abril de 1998, às 19:06, que nasci com apenas oito meses. Sob o sol de touro, a lua de áries, o ascendente em escorpião e vênus em peixes. Em Brasília, no Distrito Federal, no tão amado e complicado Brasil. E ainda estou em processo de entendimento sobre como todos esses fatores influenciam a minha personalidade e quem eu sou.

Agora, começando pelo começo, me chamo João Vitor Barreto. Todo mundo me chama apenas de João. Também não gosto muito do Vitor, mas estamos há alguns anos em processos de pazes. Faço parte do boom de *joões* com nome composto<sup>3</sup> do final dos anos noventa e sim, tenho um livro do bebê com belíssimas fotos da Anne Guedes, cheio de relatos lindos que minha mãe escreveu para que eu lesse depois de crescido. Esse, contudo, não é o único clichê de nascidos no final de século que eu carrego comigo. Também faço parte, como quase 90% dos meus amigos da mesma idade, da parcela de filhos de pais separados. Os meus se separaram quando eu tinha ainda 3 meses. Um fator determinante para o meu entendimento do que é uma família e do que é o amor.

Minha mãe, no dia em que me deu à luz, já morava em Brasília há alguns bons 15 anos. Depois que chegou de Cajazeiras, na Paraíba, encontrou o acolhimento em uma nova cidade ainda se estabelecendo. Já minha segunda mãe chegou em Brasília cinco meses depois do meu nascimento, de Ouricuri no Pernambuco. Também se encontrou na mesma cidade. Beatriz é a que traz felicidade, mas quase foi Hortência - pra mim sempre terá nome de flor. Edileuza, minha Teté, é a maior protetora das mais lindas riquezas. Minhas duas mães queridas que me criaram e cuidam de mim com tanto carinho até hoje, mesmo distante enquanto procuro meu acolhimento em uma cidade um pouco mais distante - assim como elas. Hoje moro em São Paulo, depois de tanto pelear e me questionar com Brasília e de ter uma enorme identificação com a cidade em que fui batizado, o Recife.

A relação com meu pai, nascido em Brasília e de família recifense mas que hoje reside em São Luís do Maranhão permanece como as distâncias incólumes entre essas cidades. Foi, desde o início, uma história com desfecho anunciado - história que

---

<sup>3</sup>Temos um certo tipo de piada interna em casa em que eu sempre brinco que não há nenhum João com nome composto como o meu mais velho do que 25 anos e que, por isso, nosso destino já estaria traçado. Minha mãe não gosta nada dessa piada.

infelizmente não é só minha no Brasil, mas a de milhares de crianças que sofreram com o abandono afetivo de figuras masculinas. Contudo, alguns meses depois minha mãe conheceu Marcelo, seu namorado da época. Rapidamente ganhei um "papai do coração"<sup>4</sup>. Mas não só ele, ganhei também uma irmã, primas e primos, avô, avó, tios e tias - e fui muito bem recebido por todos. Me lembro muito bem dos momentos da Chácara no Lago Oeste, com o pé de amora e as clássicas festas juninas, das brincadeiras nas 312 norte, da banana amassada com nescau e leite ninho que Vovô Cri preparava pra mim de manhã.

Aos X anos, fui pela primeira vez para a Escola, já no Jardim I. Minha mãe conta que, enquanto alguns outros colegas precisaram de visitas dos pais durante o dia ou nem mesmo conseguiram subir a rampa para a sala, eu saí uniformizado e com uma plaquinha impressa com o Mickey e a Minnie Mouse avisando que já poderia passar a tarde toda apenas com a professora e meus colegas. Me lembro também de gostar muito de ir à escola com essa idade. Amava principalmente os momentos em que fazíamos atividades manuais como brincar com argila e fazer esculturas, aprender tapeçaria e, claro, desenhar. Além das atividades manuais, também adorava os animais que tínhamos acesso na escola e sempre tive uma relação muito íntima com todos eles - coelhos, periquitos, tartarugas e calopsitas. Também tinha alguns animais em casa e os amava - Beto, o peixe beta e três tartarugas tigre - passeava com elas embaixo do prédio, no pilotis, em uma caixinha de papelão. Quando mais velho, aos 7 anos, ganhei um casal de hamsters que logo se multiplicaram em 19 filhotes. Depois desses houveram alguns cães e até um marreco.

Havia muita participação das famílias em festas e eventos internos. A comunidade escolar era muito unida e me lembro bem de adorar ver meus pais nos diferentes ambientes em que normalmente apenas eu e meus colegas frequentávamos. Toda sexta-feira era *dia do brinquedo*. Podíamos escolher nossos brinquedos favoritos e levar pra escola para brincar com os amigos - todos adorávamos compartilhar nossos gostos e amores tão especiais com as professoras e nossos colegas.

A escola adotava o método Montessoriano e se chamava Reino Encantado. Encantamento que fui muito grato de poder vivenciar plenamente durante toda a minha infância. Esta possibilidade de crianças viverem plenamente e ao seu modo único com fantasia, ludicidade e brincadeiras livres deve ser garantida às mais diversas infâncias. Quando começamos nossos processos de alfabetização e letramento mais intencionalmente, me lembro que a minha relação com a escola mudou. Apesar de amar inventar palavras quando pequeno e disso ser motivo de risos na família até hoje, algo havia modificado. Costumava chamar guaraná de guarará ou guã quando estava com

---

<sup>4</sup> Era a forma carinhosa como eu o chamava na época, muitas vezes depois de ser reprimido pela minha família paterna sanguínea ao chamá-lo de pai naturalmente. Hoje, apesar de ainda ser meu papai de amor, o chamo apenas de pai.

vergonha. Sorvertinho, bircoito, círculo ao invés de circo e vice-versa. O clássico belisco - a versão mais branda de um beliscão e punzento (e não peidorreiro) para chamar atenção dos flatulentos. Mas toda essa graça de experimentação e liberdade com as palavras foi sendo substituída por algo muito mais formulaico e rígido, com um senso muito claro de certo e errado. A escola passou a ser mais séria e eu mais introspectivo. À partir daí, no *Dia do Brinquedo* às sextas, comecei a levar gibis da Turma da Mônica e ficava lendo durante o recreio à sombra de enormes folhas de lírios-da-paz. Iniciava-se um processo de mais maturidade, racionalidade, introspecção e de ainda mais cobrança da escola, agora com avaliações mais diretas.

Acredito que essa cobrança fez com que eu me voltasse mais para mim mesmo e cobrasse mais de mim, a fim de compensar algo. Começou aí o afastamento da sexta-feira, a diversão e a espontaneidade começaram a ser substituídas pela cobrança. Até então eu não entendia ao certo o que poderia haver de *errado* comigo. Mas sentia. Um certa vez esqueci o livro de gramática em casa, chorei copiosamente na carteira de cabeça baixa, uma vergonha e uma angústia que só o pequeno João sabe o tamanho. Esse choro muito provavelmente não era só pelo livro. Isso tudo também se misturou com o nascimento do meu irmão - momento em que eu filho único, perdia o trono e aprendia mais sobre a dividir, a ser independente e a solidão de certa forma. Foi também nesse momento muito delicado, intenso e de crescimento que pela primeira vez sofri e consegui entender o que era a homofobia.

Sempre fui um menino mais delicado e afeminado. Costumava balancear essas minhas características evitando conflitos e problemas, sempre muito certinho, prestativo, educado e habilidoso, justamente pela necessidade de não incomodar e me achar "errado" ou fora do lugar. Nunca tinha entendido muito bem o porquê desse sentimento, mas depois desse incidente, algumas coisas começaram a se encaixar.

Sempre me interessei por tudo do universo definido como feminino, minhas maiores referências na vida e no dia-a-dia sempre foram mulheres<sup>5</sup>. Nessa época, aos nove ou dez anos, adorava brincar com brinquedos de meninas como *Polly Pocket* e *Littlest PetShop*, para além dos brinquedos montessorianos e artesanato. Mas esse era um segredo guardado a 7 chaves, que acabei contando para uma amiga que confiava na época. Ela foi até a minha casa e brincou com meus brinquedos *de menina*. No último ano da Ela escolheu contar para todos os meus colegas nessa viagem de formatura para um hotel fazenda - quando eu estava distante da minha família e dividindo um quarto com 4 outros meninos muito mais normativos que eu e possivelmente todos heterossexuais. Virou

---

<sup>5</sup> Isso começou a mudar quando, depois de mais velho, comecei a me unir a mais homens parecidos comigo. Com histórias e gostos parecidos, conseguimos nos apoiar e nos valorizar enquanto membros da comunidade LGBTQIAP+.

uma enorme fofoca. De repente eu me sentia preso dentro de mim mesmo. Pensando meticulosamente cada próximo ato, para dar o mínimo de pinta e chamar o mínimo de atenção - o que era impossível - mas ainda não entendia isso à época.

Só consegui chorar depois de abraçar muito forte minha mãe assim que desci do ônibus já em Brasília. Fiquei doente por dias e só depois disso resolvi contar para ela sobre o ocorrido. Ela sempre me apoiou muito, não tinha problema algum com meus brinquedos e claro, levou a situação até a coordenação. A equipe da escola apesar de muito bem intencionada, não tinha as ferramentas para lidar com esse assunto - repetindo vários estereótipos homofóbicos e não me acolhendo da melhor forma. Este evento é a prova cabal da necessidade da Educação Sexual e de Gênero dentro das escolas e de como essa, quando bem feita, pode evitar diversas violências e traumas. Aproveito para reforçar aqui também a necessidade de uma matéria que tratasse especialmente do assunto dentro do currículo obrigatório do curso de Pedagogia na Universidade de Brasília. Necessidade essa que vocalizei e debati com muitas colegas e professoras durante o curso.

Por conta desse incidente, tenho lembranças de um João criança mais quieto e obediente, não muito espontâneo e expressivo. Mas, outro dia olhando DVDs antigos e vídeos do casamento dos meus pais na mesma época, vi que essa lembrança não era muito fidedigna à realidade. Era apenas um recorte de um momento muito marcante e que criou uma ferida eterna que se espalhou para várias memórias. Felizmente, não era o que sentia e vivia naquela idade.

Este pequeno colégio não tinha mais turma depois do último ano do Ensino Fundamental I. Então depois de me formar veio a tão sonhada mudança de escola. Após o Reino Encantado, estudei no Sigma da Asa Sul - uma escola mais de dez vezes maior do que a anterior, por escolha minha e respeitada pelos meus pais. Achei que um colégio maior me faria sair um pouco do holofote e do escrutínio de adolescentes perversos. Além disso, acreditava que a fama do colégio conteudista e rígido me ajudaria a conquistar coisas que sonhava profissionalmente. Sim, aos auge dos onze anos de idade<sup>6</sup>. O senso de urgência era algo latente nesse momento. Nunca quis estar atrás, ser alvo de críticas, ficar de recuperação ou ser chamado atenção. Sempre na tentativa de compensar, ainda, por um sentimento de um não-lugar em que estava. Acredito que por conta dessa experiência com a homofobia, unida ao nascimento do meu irmão mais novo, acabei amadurecendo rápido demais e deixando de aproveitar um pouco mais da experimentação do início da adolescência. Caindo na mesma espiral de auto-cobrança que até hoje tento me retirar muitas vezes. Esses são sempre momentos de reencontro comigo mesmo e que até hoje não são fáceis.

---

<sup>6</sup> Ao escrever esse trecho, me lembrei da música de Billy Joel: Viena. Costumava escutar com uma amiga muito querida - a Nati - e nos identificávamos muito.

Estudei no Sigma durante todo o Ensino Fundamental II e Médio, então algumas memórias acabam se misturando pela falta de marcadores de mudanças extremas. Esta escola, como disse, é conhecida pelo alto nível de cobrança e de conteúdo, com currículo pensado especialmente no vestibular. Surpreendentemente, para mim à época, acabei me sentindo muito mais confortável nas fissuras desse sistema. As feiras e trabalhos extra-classe, as Olimpíadas, Semana Cultural, os passeios, o Grêmio Estudantil, as simulações das Nações Unidas, o recreio, as aulas que matei na biblioteca ou na Best Burger e até mesmo no meu refúgio mais íntimo que sempre foram as últimas folhas dos meus cadernos - cheias de desenhos extrapolando as pautas regradadas. Os projetos eram das mais diversas naturezas, sempre arranjava um jeito de me engajar e de ver algum sentido ali, diferente das provas.

Em algum momento entendi que não precisava tirar as maiores notas, sempre estudava o suficiente para não sofrer - apelidamos de Lei do Mínimo Esforço. Era impossível não sofrer com a pressão do dia-a-dia da escola, mas sempre tirava algo acima da média, garantindo minhas férias sem recuperação já no terceiro bimestre antes do final do ano. Eram movimentos friamente calculados para me ver livre daquilo o mais rápido possível. Nesse momento, eu já tinha muitas críticas sobre a estrutura limitante da escola - pouquíssimas coisas estruturantes me enchiam os olhos. Minha saída era fazer uma formação paralela, com cursos de artes, fotografia e experimentações sozinho. Muitas vezes esses momentos sim faziam muito mais sentido do que horas de aulas vazias.

Apesar dos momentos de ansiedade e turbulência de uma escola que preza majoritariamente pela educação bancária, foi neste lugar que construí algumas das relações mais sólidas e importantes da minha vida. Isso só mostra a força e o poder da amizade, especialmente os laços criados nessa época.<sup>7</sup> Foi lá que eu entendi isso de uma vez por todas. Éramos um grupo estranho, que nunca parecia se encaixar com a norma e estava bem seguro com isso - medida do possível, sendo adolescentes. Um grupo de amigas muito especiais - Nati, Carol e Jio - que sempre me apoiaram e estiveram presentes para mim quando eu precisava, cada uma à sua maneira. Ontem, hoje e sempre, tenho certeza. Encontrei conforto também com professoras ótimas, de Literatura, Mara, e de artes visuais, Lysianne e também na equipe pedagógica, Alessandra. Dais quais lembrarei sempre com muito carinho.

Mesmo com todo esse apoio das mais diversas figuras femininas, o meu Ensino Médio ainda foi de muita repressão, somatização e confusão interna. A maioria dos meus amigos começaram a beber, a beijar na boca e para mim questões como meus desejos e minhas liberdades eram tão sublimadas que não passavam pela minha cabeça como

---

<sup>7</sup>Me lembra uma frase do filme "Conta Comigo" de Stephen King: *"Nunca tive amigos mais tarde como os que tive quando tinha doze anos. Jesus, alguém teve?"*

possibilidades. Não me sentia 100% confortável comigo mesmo. Nem em casa com a minha família, nem na escola e nem em nenhum lugar. A não ser a internet e os meus desenhos, que se tornaram esse lugar em que eu poderia ser quem eu realmente era, sem fingimento algum. Mesmo com todos os reforços positivos, eram poucos os lugares em que eu me sentia seguro o suficiente para ser eu. A cobrança interna era gigantesca.

Para além de todos os conflitos internos, chegou o último ano e com ele o temido vestibular. O maior monstro da minha vida até o momento. O chefe da última fase. Mal sabia eu que haveriam vários outros daqui pra frente e que esse talvez nem fosse o pior de todos. Um ano antes, no meio do segundo ano, passei para pedagogia na UnB. O curso foi escolhido em parte por conta das insatisfações e indignação com a escola e os processos de aprendizagem e a esperança de mudança e em parte pela minha mãe. Ela comentava que tinha entrado para o curso mas acabou não seguindo ao optar pelo trabalho logo que ficou grávida de mim. Mas acabei não entrando. Preferi esperar o que eu acreditava ser o momento correto.

Pedagogia era apenas um dos cursos que rondava a minha cabeça nesse momento. Conjuntamente em uma grande confusão havia outros cursos de humanas mais duras como Economia, Relações Internacionais ou até mesmo Psicologia. Sonhava muito com cursos misteriosos como Arqueologia na Universidade Federal da Bahia. Os cursos mais artísticos também sempre estavam presentes: Artes plásticas, Design, Museologia... Mas fui ensinado a entender esses cursos como diversão ou como *hobbie* apenas. Não poderiam jamais ser encarados como uma carreira. Ou porque não tinham estabilidade ou por serem compostos de pessoas não muito sérias ou outros mil e um estereótipos que acompanham a classe artística que tenta se estabelecer com o mínimo de dignidade a duras penas em um país como o Brasil. Um dos sonhos dessa época também era estudar em uma universidade fora do país. Fui aprovado em uma Universidade em São Francisco com a maior bolsa oferecida, de 70%, mas acabei também não indo. Não era uma realidade que podíamos arcar financeiramente em dólar e rapidamente entendi que não era o momento correto. Acredito que esse sonho era nutrido tanto pelas possibilidades de cursos que não existiam aqui<sup>8</sup> tanto pelo que entendo hoje como uma necessidade de distanciamento de algumas questões que acabavam reforçando e aprofundando alguns traumas, mesmo que não intencionalmente.

No terceiro ano, com a cabeça confusa e cheia de preocupações, acabei escolhendo um curso que hoje não me vejo fazendo de forma alguma, Economia. Algumas formas de ingresso na UnB se modificaram e as quantidades de vagas também, essa

---

<sup>8</sup> Cursos como animação, ilustração e cursos mais profissionalizantes de carreiras artísticas e criativas em geral eram encarados com mais seriedade pelas instituições educativas – essa possibilidade me encantava.

preocupação se somava às que eu e minhas colegas já tínhamos sobre o ingresso na universidade. Acabei não sendo aprovado - e hoje agradeço e muito! Mas na época era apenas um carimbo de inutilidade e a validação de fracasso.

Foi em 2016 quando entrei no cursinho. Esse sim parecia o monstro mais terrível a ser enfrentado. Todas as minhas amigas próximas já estavam na Universidade e já estavam vivendo novas fases em suas vidas. Uma felicidade que eu sonhava em experimentar e que me cobrava muito por não ter conquistado. Por conta dessa extrema cobrança, não consegui me perdoar por esse erro e fiquei paralisado e em choque e entrei em um processo depressivo. Foi um ano muito turbulento, um dos piores até o momento... Com várias questões entrando em ebulição ao mesmo tempo, foi um ano em que praticamente não desenhei. Felizmente e graças ao acompanhamento próximo e cuidadoso da minha mãe 2016 também foi quando entrei na terapia, e onde as coisas começaram a se encaixar e fazer mais sentido. Entendi o valor de vários sentimentos ao longo desses seis anos seguintes de sessões. O perdão, o amor, a aceitação, a liberdade e a coragem.

Depois de todo o percurso tortuoso de 2016, recebi a aprovação no ENEM no início de 2017. Entrei para Pedagogia na UnB e me lembro até hoje de ir fazer minha inscrição no ICC Sul com a minha mãe e de como isso foi significativo, pra mim e pra ela. Entrei no curso com muito fôlego e vontade de mudança, logo me aproximei de duas amigas - Lívia e Lígia - que percebi que tinham um entendimento parecido com o meu sobre os problemas e as necessidades futuras da educação, mas encontrei uma barreira. Entendi que por mais que esse momento tivesse sido muito esperado, não seriam apenas flores. Havia uma professora que ia contra tudo que eu imaginava que alguém ensinando dentro do curso de pedagogia deveria ser ou propor em aulas - autoritária, ríspida... Parecia que ela tinha prazer em humilhar, aterrorizar e atribuir baixíssimas notas.

Este encontro me motivou mais ainda a fazer o contrário de tudo que ela havia feito comigo e com várias outras educandas em suas aulas. Neste momento, uma dessas amigas me apresentou a extensão universitária e o Semillero Brasil - que considero ter sido a minha verdadeira formação universitária. Foi um momento de identificação instantânea, com o grupo e com a professora Fátima Vidal. De repente eu estava cercado de pessoas que concordavam sobre os problemas da instituição escola e que estavam dispostas a mudar e experimentar novas possibilidades de escola, de aula e de Educação. O que me causava estranheza mesmo era sermos uma minoria dentro de um curso que deveria pensar criticamente e agir para melhorar o cenário da educação no Brasil. Mas contávamos sempre com algumas aliadas e uma rede de apoio com outros grupos.

Depois do encontro com esse grupo, muitas aulas perderam o sentido. Em um primeiro momento, estudávamos coletivamente sobre pesquisa com as crianças, como o pensamento investigativo e métodos científicos poderiam ser caminhos interessantes para

os processos de aprendizagem subjetivos e fazer mais sentido. Também organizávamos eventos acadêmicos regionais, nacionais e internacionais como CONANE<sup>9</sup>, ENA<sup>10</sup>, Diálogos Interculturais e Brincalhaço em que recebemos crianças de vários grupos diversos para brincar na Universidade em comemoração ao dia das crianças. Vivíamos realmente a *práxis* proposta por Paulo Freire, a amálgama inseparável da prática com o estudo. Foi também dentro desse grupo que comecei a nutrir a possibilidade de fazer um segundo curso.

Já tinha uma predisposição a acumular algumas funções. Surgia a necessidade de gerenciar as redes sociais do grupo que fazíamos parte e também peças de divulgação de alguns desses eventos — assim eu comecei a perceber alguns outros interesses que tinham sido sublimados até o momento. Depois de um ano no grupo, fizemos um intercâmbio para Colômbia que foi muito transformador. Conhecer diversas experiências de investigação com as crianças e entendê-las como possibilidades foi muito reconfortante e nos trouxe muita esperança. Nos motivou a pensar um núcleo de investigação com crianças no Brasil, com nossas possibilidades e características próprias. Mas o momento mais impactante do intercâmbio pra mim foi o contato com a história de um dos primeiros núcleos infantis de semilleras, três amigos campesinos que se encantavam por borboletas. Por mais que essas histórias me inspiraram a continuar a cursar pedagogia, só conseguia pensar em desenhar essa linda história e tirar fotos de todos os ambientes, mais um sinal de que alguma mudança de percurso talvez estivesse por vir.

Algumas matérias também foram refúgios acolhedores, por conta das professoras. Foi durante conversas e aulas com Patrícia Pederiva e Alexandra Militão que entendi que também poderia ser artista e extravasar sentimentos muito internos e profundos. Foram incontáveis as vezes em que me identifiquei com os escritos de Lev Semionovich Vigotski no PET<sup>11</sup> e em outros grupos de estudos, autor que Patrícia se dedica a estudar a obra. Mas foi em uma de suas aulas de educação estética, mais especialmente a musical, que vi a potência de sua teoria quando utilizada em aula. Parecia uma terapia, um certo transe coletivo guiado pela música - que sempre foi a forma de expressão artística que tinha menos intimidade. Algo ali parecia estar curado e não parecia ter mais volta. Já Alexandra, durante uma aula de processos de aprendizagem, uma vez disse que deveríamos educar as crianças para além de leitoras e sim autoras e que isso também deveria acontecer conosco, professores e professoras. Ali entendi que a expressão subjetiva em qualquer meio ou suporte era válida e uma possibilidade.

---

<sup>9</sup> Conferência Nacional de Alternativas para uma Nova Educação. Atualmente, o movimento Conane prefere Outra Educação em vez de Nova Educação, mas manteve o significante Conane por tudo que ele aciona no Brasil.

<sup>10</sup> Encuentro Nuestra América

<sup>11</sup> Programa de Educação tutorial

Contudo, isso ainda não foi o suficiente para a coragem de fazer a mudança de rota, isso aconteceu durante um estágio, numa conversa com uma criança. Fiz o estágio obrigatório do curso acompanhado de vários amigos e também pela professora Alexandra, na Comunidade de Aprendizagem do Paranoá. A CAP, como é carinhosamente chamada, é a primeira iniciativa alternativa dentro da rede pública de educação do Distrito Federal e se consolidou como a minha grande experiência pedagógica formativa. Lá iniciamos a prática do Semillero com as crianças, investigando sobre diversos temas que as interessavam — inspirados nos núcleos investigativos com os quais tivemos contato na Colômbia. Um dos núcleos investigativos decidiu estudar sobre insetos. Logo no início, derivou-se para uma investigação sobre super-poderes – elas tinham chegado à conclusão que alguns insetos tinham super-poderes por conseguirem carregar quarenta vezes o seu peso, voar ou trocar de esqueleto. Começamos a nos perguntar quais superpoderes gostaríamos de ter e uma menina, sempre muito esperta, respondeu: o superpoder de mim mesma. Fiquei meio embasbacado – coisa que não era incomum no dia-a-dia da escola e lidando com crianças em geral – e perguntei: O que seria isso? Ela me respondeu prontamente: "Ah, poder ser livre, sabe? Fazer o que eu quiser, estudar o que eu quiser e ser feliz!". Não tinha como permanecer o mesmo depois disso, enchi os olhos de lágrima e tentei me manter na trilha investigativa. Por mais que eu amasse o estágio, ainda não me sentia completo e realizado. Isso não era uma indagação nova nem surpreendente e depois das experiências citadas acima, essa conversa foi o momento da virada – a busca pelo superpoder de mim mesmo.

Pensei em mudar de curso, para Design. Enfrentei mais um vestibular e fiquei por uma pessoa, mas tudo bem já estava escaldado. Entrei para Design Gráfico em outra faculdade mas aproveitei as possibilidades da UnB e peguei algumas matérias do Departamento de Design. Iludido, achei que fosse me sentir finalmente completo no novo curso, o que também não aconteceu. Adorei aprender mais sobre diversas coisas que sempre me encantaram ao longo da vida - composições, revistas, livros, tipografia, cores e desenhos - e que eu não necessariamente via como uma possibilidade de carreira. Finalmente fazia as pazes com o desenho e passava a encarar ele de uma forma mais madura, mas não chata. Sempre entro em contato com o João que desenha desde sempre, com liberdade e muitos experimentos. Mas foi aqui que a ilustração me pegou de vez. Os debates acadêmicos sobre a área também me instigavam muito mais, eram incrivelmente mais frescos e contemporâneos. Temos muito a avançar, claro! Mas em pedagogia parecíamos ainda presos séculos atrás. Mas mesmo assim ainda não me sentia completo. Entendi que todo o meu percurso formativo sempre esteve acompanhado dessa inflexão. Uma fome por algo que eu não sabia muito bem o que era, uma vontade que não sabia de que, uma insatisfação que me mantinha em movimento - a incompletude freiriana.

Foi nessa lacuna, essa vontade meio sem sentido, que encontrei um ponto de conexão entre as duas áreas que fazia muito sentido para mim: a ilustração editorial, principalmente a focada em livros infantis. Desde sempre acompanhava o trabalho de diversos outros artistas que já se dedicavam à essa área mas que, por não encarar a carreira como uma possibilidade séria, não chegava nem a cogitar. Era como o encontro entre um amor antigo com uma nova paixão. Isso me motiva até hoje e é um dos meus desejos futuros sobre os quais falarei mais à frente. Enquanto pensava o trabalho de conclusão de curso, uma história que escutei no intercâmbio, que contarei com detalhes à seguir e muito me inspirou, me veio à cabeça. Uma linda história sobre a força oculta das borboletas.

Levei, então, os dois cursos juntos. Com uma pandemia no meio e somados a um trabalho remoto em São Paulo. A professora Fátima, sempre muito acolhedora e atenciosa, disse que as sementes sempre poderiam voltar e aqui estou para escrever o seguinte ensaio. Hoje escrevo depois de alguns meses de mudança, à noite, acompanhado de um silêncio raro na cidade e de algumas trombetas dos anjos que resolveram desabrochar agora. Escrever esse memorial foi muito difícil e importante. Relembrar de histórias que no momento foram tão marcantes e acompanhadas de tantas certezas e que hoje deram lugar à outras indagações foi o mais difícil. Seria esse o desafio do chefe da última fase? Espero finalmente finalizar esse ciclo com a tão acolhedora e transformadora pedagogia. Para que em seguida vislumbrar novos horizontes de mãos dadas com ela, não os que eu já conheço.

## **PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS**

Hoje em dia, trabalho como integrante da equipe de arte em uma redação de revista de comportamento em São Paulo, chamada Elástica. Sempre li muitas revistas, de todo tipo. Tive algumas companheiras inseparáveis. Primeiro os gibis, depois a Revista Recreio, a Mundo Estranho, a Superinteressante, depois as mais políticas e sérias. Mas roubava as da minha irmã e da minha mãe. Mesmo com essa relação tão próxima a esse universo, nunca me imaginei seguindo carreira exatamente nessa área. Hoje parece que sempre foi um sonho, é um trabalho que faz muito sentido. Me sinto aprendendo cada dia mais um pouco e, como um amigo de redação - o Alê - uma vez me disse que ouviu de uma chefe, revista é lugar de profundidade, onde as coisas são vistas uma outras vez, por isso re-vida. Isso me encanta muito, paciência e vontade para um olhar mais cuidadoso com tudo.

Hoje me sinto colocando em prática meu lado pedagogo nas questões sociais que tratamos em reportagens e na pesquisa para novos temas de pauta, pensando o futuro e

formas de debater e abordar temas. Além de, ao ilustrar, sempre pensar em produzir imagens com vários sentidos, que possam abrir mais o texto e atrair quem lê matérias mais longas - que é a linha editorial da revista. Com o intuito de, através da arte e das imagens, combater a *infodemia*<sup>12</sup> - deixar a notícia mais interessante de ser lida em um mundo que nos diz o contrário com informações rápidas e rasas.

Mas, durante as diversas aulas, tanto de pedagogia como de design gráfico, ficava pensando em possíveis caminhos que uniriam essas duas áreas que, apesar das aparências divergentes, têm muito em comum. Percebi que uma área de interseção interessante entre ambas poderia ser justamente a editorial – como disse acima. A elaboração (escrita e ilustração) de livros infantis. Este presente ensaio de finalização do curso de pedagogia é uma tentativa de unir e dar sentido a tudo isso.

---

<sup>12</sup> "excesso de quantidade em detrimento da qualidade das informações", segundo Leila Posenato Garcia e Elisete Duarte (2020)

## Parte 2 – Ensaio

### INTRODUÇÃO

A motivação principal para a escrita deste ensaio foi o intercâmbio feito em 2018 para diversas cidades da Colômbia, com o apoio da Universidade de Brasília e organizado pelo Projeto de extensão Semillero Brasil. O intercâmbio aparece como um eixo formativo central do projeto e é entendido como uma forma radical de experienciar a diversidade e as diferenças. Experiência muito necessária, única e transformadora para a formação de pedagogos e pedagogas.

Por isso, a pergunta central para esse ensaio é "Qual é o impacto de experiências vividas por meio dos intercâmbios formativos dos Semilleros de Investigación?" e para acompanhar essa reflexão, alguns caminhos foram pensados para alicerçar e acompanhar a reflexão. São eles: registrar a história de constituição dos Semilleros de Investigación pela América Latina - Colômbia, Chile e Brasil; problematizar a importância dos intercâmbios para os percursos formativo de pedagogos e pedagogas e sintetizar e traduzir experiências e histórias marcantes vividas em registros visuais através de fotografias e desenhos.

Para tanto, o presente ensaio é apresentado em quatro momentos distintos. No Capítulo 1, apresenta-se primeiramente uma linha histórica de formação dos Semilleros pela América Latina e logo em seguida, um relato mais pessoal sobre o processo de entrada no projeto no início da graduação em 2017. O Capítulo 2, versa mais sobre o intercâmbio, as atividades, as visitas, os encontros e os eventos acadêmicos que fizeram parte do itinerário de viagem. Ainda no mesmo capítulo, há um relato mais detalhado sobre uma visita a uma biblioteca rural nos arredores de Medellín. Essa visita ao Laboratório del Espíritu e mariposário é relatada com detalhes pela sua relevância, impacto pessoal e também possíveis desdobramentos artísticos e inspiracionais — quando entra-se em contato com uma história única de crianças desbravadoras.

No terceiro capítulo, reforça-se a importância da arte como ferramenta das emoções, como certas experiências como as citadas acima, podem ser traduzidas e sentidas em sua plenitude através da arte (VIGOTSKI, 2009). Há também uma defesa do livro infantil ilustrado como o suporte para contar histórias potentes como as escutadas na Colômbia e que também podem servir como um ótimo primeiro contato de experiência estética em ambientes de aprendizagem.

O último capítulo antes das considerações finais, toma corpo como um compilado de desenhos, rascunhos e fotografias que registram a experiência vivida e ilustram as possibilidades e desdobramentos do intercâmbio.

## **CAPÍTULO 1: Do surgimento ao encontro com experiências investigativas**

Neste capítulo, primeiramente, irei contar a história da formação dos semilleros colombianos e chilenos assim como o surgimento do Semillero Brasil, através de uma experiência de intercâmbio e de encontro de professores insatisfeitos com a forma da escola de educação bancária (FREIRE, 1996) e como isso se replicava também no Ensino Superior e nos processos de pesquisa. Na sequência, também apresentarei a minha aproximação com essa experiência extensionista formativa e como se desdobrou em processos de investigação — em grupo e com as crianças — e de intercâmbio.

### **1.1. Como surgem os semilleros**

O *Semillero de Investigación* (semeadores de investigação) surge na Colômbia em 1996 *"propondo um espaço de investigação e reflexão, colocando-se como alternativa aos impulsos de uma educação fabril sentidos na educação superior à época."*(autor, ano, p.). Os grupos colombianos inicialmente se organizavam no Ensino Superior, como grupos que facilitavam o acesso a processos de pesquisa, desvendamento de interesses e outras formas de ciência que não fosse tão dura e segregadora.

Paulatinamente os grupos foram se expandindo, primeiro para a Universidad del Cauca de e depois para algumas outras. Hoje são mais de 220 grupos semilleristas espalhados por todo o território colombiano apenas à nível de educação superior, sem contar os grupos de pesquisa com crianças e adolescentes. Um artigo de apresentação do livro *"Orígenes y dinámica de los Semilleros de investigación en Colombia"*, um de seus fundadores, Eduardo Rojas Pineda(ano, p), define o semillero como *"grupos de trabajo que buscan provocar y convocar espacios para el desarrollo de nuevas competencias que promuevan el hacer investigativo, complementando y trascendiendo los modelos tradicionales del aprendizaje."*

O prólogo do mesmo texto, lista algumas características estruturais dos grupos de investigação: desenvolvimento de habilidade social de trabalho em equipe e em rede, a solidariedade, o intercâmbio de ideias, a liderança, a integração, a versatilidade e a colaboração internacional, a forte presença da pedagogia da pergunta, a inter e transdisciplinariedades, a percepção do grupo como uma comunidade de aprendizagem e a motivação da investigação e por sua formação através da aprendizagem contínua de sua metodologia e prática (Bernardo Restrepo Gómez, Ph. D.).

Apesar da história dos Semilleros latino-americanos iniciar em 1996, na Colômbia, sua história com o Brasil se inicia em 2014. Foi quando a professora Fátima Vidal viajou para um rápido encontro com o intuito de conhecer o professor Carlos Calvo Muñoz e mais de seu trabalho. Enquanto Paulo Freire esteve no Chile nos anos 70, exilado, teve contato

com alguns estudantes – Carlos foi um desses felizardos (RODRIGUES; AZEVEDO, 2021). Após esse primeiro contato, foi combinado e pensado um estágio técnico no ano seguinte – também no Chile, na Universidad de La Serena em que o professor trabalha.

Em 2015, no seu retorno ao Chile, a professora Fátima participou de uma visita técnica supervisionada pelo professor Carlos Calvo. E, para além da pesquisa, ela acompanhou todo o trabalho do professor pela universidade, participando em aulas e reuniões de seus diversos projetos. Um desses projetos foi o Semillero chileno. Este grupo iniciou suas reuniões em 2006, com o intuito de proporcionar aos docentes em formação outras possibilidades de educação (RODRIGUES; BARROS, MIRANDA; 2019). Uma que fosse mais transgressora, inovadora e transformadora – um pouco mais distante do currículo rígido pré-estabelecido mas também mais próximo dos sujeitos, mais subjetivo e que fizesse mais sentido. Através dos encontros e estudos, os educandos e educandas viviam processos e experiências que se tornariam mais significativas e muitas vezes mais úteis para a prática docente futura.

O semillero chileno possui uma forte identidade social e comunitária, muito comprometida com os grupos que normalmente estão fora da Universidade – além de respeito, interesse e reconhecimento dos saberes tradicionais. Essa preocupação perpassa por toda a prática do grupo e se aproxima com o que entende-se, dentro da realidade das universidades brasileiras, como a prática extensionista – parte do tripé responsável pela conexão da universidade com a comunidade. Além disso, o grupo era diretamente vinculado ao curso de pedagogia dentro da Universidad de La Serena. Este torna-se um importante vínculo formativo para o fortalecimento da área de estudos e para a autonomia de um curso estigmatizado em toda América Latina - antes com as escolas normais e não profissionalizantes, não pensantes.

Mesmo com suas diferenças de seu irmão colombiano, o grupo chileno oferecia, à seu modo e com suas possibilidades e dimensões, novos caminhos para formação de professores e professoras, com a possibilidade de autogestionar sua formação (RODRIGUES; ESTEVANATO; GOMES DE SÁ; ROCHA, 2018). Isso serviu de inspiração para a professora em seus passos seguintes dentro da Universidade de Brasília.

Nasceu em 2015 então o Projeto de Extensão e Ação Contínua (PEAC) Semeadores de Investigação (SEMILLERO) – depois de muita troca com seus projetos-irmãos chilenos e colombianos. A inspiração com os outros grupos latinos serviu para além de criar caminhos similares mas também para criar novas possibilidades mais próprias e individuais. O projeto Semillero Brasil se constitui como:

*"um espaço de encontro, discussão, ação, transformação e troca entre a comunidade e a Universidade de Brasília. Há seis anos se configura como espaço de formação básica comprometido com uma educação social e de r-existências. Inclusive, resistência a um certo determinismo tecnológico do planeta, construindo práticas mais comunais, autogestadas e solidárias. O objetivo geral do projeto Semillero Brasil é possibilitar à comunidade universitária, especialmente aos e às estudantes de graduação, a experiência de criação de uma prática docente reflexiva, crítica e solidária, alicerçada em debates, execução de projetos, cursos, participação e organização de encontros e trabalhos docentes marcados pela presença das comunidades e das infâncias." (RODRIGUES; AZEVEDO, 2021)*

Ou seja, similarmente ao projeto chileno, carrega consigo a preocupação com a transformação social e com a comunidade externa à universidade. Já a proximidade com o grupo colombiano se dá nos processos investigativos internos e no desejo de iniciar o projeto com as infâncias.

O projeto se desenvolve a partir de encontros semanais, colegiados e autogestados. Suas naturezas vão desde encontros com pessoas que inspiraram o grupo, diálogos com professores, professoras e grupos de estudos próximos, oficinas de arte ou até mesmo reuniões internas de planejamento e desabafo. Estes encontros se desdobram em eventos de âmbitos regionais, nacionais e internacionais, ações como arrecadação de agasalhos, materiais didáticos, absorventes e cestas básicas e atividades de pesquisa com crianças. Essa formação que acontecia paralelamente ao currículo era, aos meus olhos, a verdadeira *práxis* sugerida por Paulo Freire: a prática unida à teoria em uma dança simbiótica de significados e experiências. Experiências estas que, por sua vez, confirmavam a necessidade da formação continuada dos profissionais de educação – "e é exatamente porque nos tornamos capazes de nos saber inacabados que se abre para nós a possibilidade de nos inserir em uma permanente busca. (...) A permanência da educação ou da formação se encontra aí também. Como no caráter de constância da busca que é percebida como necessária" (FREIRE, 2013 - pg. 131)

As ações do Semillero Brasil são estruturadas em: experiências interculturais (intercâmbios), trabalho pedagógico investigativo próprio das infâncias (Semillas Encantadas), práticas de r-existências (Ações de extensão locais, nacionais e internacionais), formação docente e discente por meio das Trilhas Investigativa e ações sociais (Semeando Cuidado), com o intuito de colaborar para a formação mais completa e mais preenchida de sentido dos estudantes de graduação. Muitas vezes, educandos e educandas se encontram presos a um currículo que é rígido e não se encaixa diretamente com seus desejos de estudos na área – e que vai contra a idealização do fundador da Universidade de Brasília, Darcy Ribeiro. A intenção do projeto é proporcionar outras

possibilidades de formação, complementar e paralela à proposta institucionalmente e por isso:

*"A narrativa histórica do estudante que participa de experiências de intercâmbio, trabalhos na comunidade e práticas educacionais inclusivas e inovadoras, faz-nos acreditar na possibilidade de um espaço formativo mais reflexivo e radical que pode interromper a disseminação de uma educação conservadora, possibilitando autonomia, autogestão e criticidade em relação a sua formação." (RODRIGUES; ESTEVANATO; GOMES DE SÁ; ROCHA, 2018)*

## **1.2. Entrada no Semillero Brasil**

Entrei no projeto em 2017, justamente no primeiro semestre da minha graduação, quando já estava empolgado e interessado por propostas alternativas em educação. Uma amiga me contou do projeto e fui a uma reunião – e permaneci durante praticamente toda minha graduação.

A sala multiuso no prédio 5 da Faculdade de Educação, onde fazíamos nossas reuniões, se tornou um lugar de muito acolhimento, descoberta, estudos e inspiração. Conversávamos sobre nossas questões com o modelo escolar majoritariamente implementado no mundo e como era frustrante, castrador e limitado – enquanto grupo dividíamos muitos desses mesmos anseios. Também havia uma enorme falta de identificação e distanciamento com muitas das matérias que cursávamos e eram ofertadas. Era difícil entender como alguns professores e professoras dentro de uma Faculdade de Educação e do curso de pedagogia ainda perpetuavam certas práticas e certas estruturas.

Esse se tornou o espaço formativo mais importante de toda a minha graduação. Estudávamos, dentre vários temas, sobre decolonialidade, identidade latina, projetos autogeridos, infâncias, coletividade, escolarização e arte. O ponto alto e de virada do meu processo formativo realmente foi o intercâmbio para a Colômbia – que será detalhado a seguir. Mas, durante a viagem, tivemos contato direto com a história e os processos dos colegas semilleristas e todas nossas ações se encheram de muito mais sentido – e isso nos motivou a começar a prática com as crianças assim que retornássemos ao Brasil.

Nesse momento estava muito animado, iríamos começar processos investigativos com as crianças da Comunidade de Aprendizagem do Paranoá (CAP), a primeira iniciativa alternativa e inovadora de educação dentro da Secretaria de Educação do Distrito Federal (SECDF). Em 2018 iniciamos o que chamamos de Semillas Encantadas (sementes encantadas, em tradução livre), encontros semanais com quatro diferentes grupos de crianças em uma espécie de trilha investigativa que ainda estava em construção e era planejada, remodelada e debatida toda semana. Juntos estudamos com as crianças sobre

temas propostos por elas em algumas dinâmicas em que investigamos suas curiosidades – das aparentemente mais inocentes até as mais profundas – insetos, corpo humano, esoterismo e borboletas (RODRIGUES; SOUZA; GOMES DE SÁ; MUCHAGATA; SOARES, 2019).

## CAPÍTULO 2 - INTERCÂMBIO

O intercâmbio, "tem como característica mais relevante, sua proposição de posicionar os estudantes de pedagogia e áreas afins em situação de estranhamento, sendo outro em sua radicalidade."(RODRIGUES; ESTEVANATO; GOMES DE SÁ; ROCHA, 2018) Este talvez tenha sido o eixo de atuação que mais marcou minha trajetória na pedagogia, seguido do trabalho direto com as crianças, e me impactaram em extremos opostos.

Antes de visitarmos a Colômbia, recebemos diversos colegas e professores latino-americanos para o Encuentro Nuestra America (ENA) e para a Conferência Nacional de Alternativas para uma Nova Educação (CONANE) em Brasília. Alguns semilleristas colombianos vieram junto com a professora Blanca Nelly Gallardo apresentar seus trabalhos e compartilhar experiências. Estebán, Lizeth (Liz) e Juliana (Juli) também eram universitários à época e, para além dos eventos acadêmicos, vivemos várias outros momentos juntos. Em sambas e festas de música eletrônica, passeios turísticos por Brasília e até na cozinha preparando as típicas e deliciosas arepas. Esses dias acabaram por constituir um grupo chamado de "*parces*" – parceiros em espanhol e fez com que permanecemos em contato, planejando a visita em um intercâmbio próximo. Era uma das primeiras vezes que constituía laços de amizade com pessoas não-brasileiras e que, apesar de não saber à época, também seriam os protagonistas de uma das histórias mais lindas com que já tive contato e contarei a seguir.

Em 2018, finalmente conseguimos nos organizar como grupo para conhecer presencialmente nossas inspirações colombianas e reencontrar nossos *parces*. Até o momento, pareciam um tanto quanto pueris e difíceis de entender a totalidade das experiências e o impacto dos semilleros - apesar dos estudos que fazíamos em grupo e dos relatos que ouvíamos. O intercâmbio é uma das práticas estruturantes do projeto de extensão justamente por sua força transformadora e capacidade de catalisar alguns processos. Ou seja, ao entrar em contato com a diferença - sendo ela de qualquer natureza: nacionalidade, personalidade, idioma, geográfica etc - acabamos por nos reconhecer ainda mais nós mesmos, a respeitar cada vez mais a diversidade (RODRIGUES; ESTEVANATO; GOMES DE SÁ; ROCHA, 2018).

Chegamos em Medellín no dia 23 de junho de 2018, fomos recebidos calorosamente no aeroporto por pessoas queridas que já conhecíamos e que haviam preparado uma *pasantía* (estágio em espanhol) com diversas atividades atenciosamente pensadas para nós. Ficamos hospedados na casa da professora Blanca, me senti muito acolhido e até hoje guardo uma foto envolvido em uma bandeira da Colômbia que ficava no quarto de hóspedes. Logo no dia seguinte, 24, antes de conhecermos diferentes grupos de semilleristas, fizemos um passeio cultural por Medellín.

Começamos com uma praça das gigantes e belas esculturas de Botero depois o parque explora - uma espécie de museu interativo sobre ciências e também o bondinho que subia as montanhas ao redor da cidade e das *comunas*<sup>13</sup> até o Parque Arvi. Nesse momento me lembro de chegar do passeio e ficar um tempo em silêncio, encarando a cidade à noite.

Não conseguia parar de pensar em tudo que havia escutado falar sobre Medellín e lido sobre sua dura história de Guerra Civil nos anos 80 e 90 e como meus olhos tinham visto o contrário dessa imagem criada. A cidade havia se transmutado através de políticas públicas, do poder popular, da cultura e da educação. Desde de 2004<sup>14</sup> há um esforço coletivo para a instauração de algo chamado de "Cultura de Paz". Foram criados corredores de transporte pela cidade, com trens e *metrocables*, além de centros comunitários e culturais, praças e museus para que mais pessoas pudessem ocupar e aproveitar a cidade e a violência reduziu drasticamente através da vivência radical da cidadania e participação popular. O senso de "cultura de paz" é perceptível nos mínimos detalhes e o que mais me impressionou foi o tom das propagandas e avisos públicos pela cidade – o aviso de "não jogue lixo no chão" é substituído por "guarde seu lixo com você" nas estações de metrô, por exemplo.

Seguimos para o dia 25 de junho já muito inspirados quando fomos conhecer o berço dos Semilleros, conversar com alguns grupos de pesquisa e nos apresentar. A identificação com Universidad de Antioquia foi imediata, construções modernistas de concreto armado, lindos murais e esculturas espalhados pela universidade e também paredes com palavras de ordem escritas pelos próprios educandos, nos lembrava a Universidade de Brasília. Lá aprendemos mais sobre as diversas redes interconectadas e a pluralidade dos grupos de investigação com crianças, jovens e adultos que era institucionalizado na Colômbia e como se organizava.

Um nome que sempre ouvíamos nos relatos de intercâmbios era a Universidad de Los Niños, vinculada a EAFIT, que era nosso próximo destino no dia 26. Este espaço dedicado para crianças dentro do ambiente universitário era todo organizado através de uma pergunta motivadora inicial de diversas crianças. Elas visitavam a universidade uma vez por semana para pesquisar sobre a temática, se unindo a professores e professoras universitárias, educando e educandas de diferentes cursos, tutores e tutoras, além de aproveitar toda a estrutura da universidade para diversos experimentos. Essa se tornou uma grande inspiração para nós, primeiro pela força simbólica da presença das infâncias dentro da universidade, segundo pelo apoio institucional que o projeto recebia -

---

<sup>13</sup> conjunto de favelas

<sup>14</sup> Jorge Melguizo - arquiteto e urbanista que foi um dos responsáveis pela transformação da cidade quando estava à frente de cargos públicos de cultura e de cidadania em Medellín.

diferentemente de nós que enfrentávamos algumas barreiras. Terceiro por fomentar o pensamento investigativo e a curiosidade entre as crianças.

O dia 27 de junho de 2018 foi, sem sombra de dúvidas, o dia mais especial do intercâmbio, o que me motivou a escrever este ensaio e que me marcou para o resto da vida. De manhã fomos conhecer alguns semilleristas da Universidad Católica de Oriente, onde a professora Blanca pesquisa e trabalha. Logo em seguida fomos em grupo até o Laboratório do Espírito, costurando as famosas e tortuosas montanhas de Medellín e que ganhará um espaço dedicado a ele seguidamente.

Continuamos o intercâmbio com dia 28, passamos o dia em uma área mais rural e de mata virgem, acompanhando o chamado projeto habitat – braço da Corporação Akará – com algumas crianças. Lá conhecemos os projetos individuais de cada criança e todos explicaram que os temas giravam em torno da natureza que tinham acesso ao seu redor. Depois dessa conversa inicial, cada um de nós intercambistas seguiu acompanhando de duas crianças que os projetos convergiam mais com seus interesses. Foi um pouco surreal entrar na mata acompanhado de crianças e perceber que elas já tinham muito mais destreza e intimidade com o ambiente do que eu, por mais hostil que ele pudesse parecer. Aprendi sobre uma flor que eu tinha achado linda, mas que era na verdade uma erva daninha, aprendi sobre a dinâmica das diferentes estufas de plantas cuidadas por eles - a tropical e a montanhosa, aprendi sobre o formato da pupila das cabras, aprendi sobre dispersão de sementes e reprodução de espécies endêmicas e no fim, aprendemos a fazer deliciosas arepas para o lanche. No fim do dia, seguimos para a despedida de Medellín antes da participação na III Bienal Latino-Americana de Infâncias e Juventudes na fazenda de Tulia, onde fizemos alguns dos itens da *bandeja paisa*<sup>15</sup>, mas minha paixão continuava com os patacones com guacamole. Nesse dia, cozinhamos juntos e aprendemos alguns passos de cumbia, mas também ensinamos alguns passos de samba.

Antes da ida para Manizales, cidade da Bienal em uma famosa área cafeeira da Colômbia, visitamos Guatapé. Esta charmosa cidade é uma das mais famosas do turismo colombiano e parece realmente um sonho por conta dos rodapés decorados em gesso com diferentes cenas, animais, plantas e pintados com as cores mais saturadas e misturadas possíveis - inclusive são conhecidos como *pueblo de los zócalos*. Logo em seguida, fomos para a subida da Piedra del Peñol, um monolito de 220 metros de altura e que, quando visto de seu cume, é possível ver a vista do alagamento de um povo com toda sua construção e toda sua história para a criação da maior represa hidroelétrica de Antioquia (estado ao norte da Colômbia).

---

<sup>15</sup> Prato típico colombiano com diversas carnes, ovo frito, arroz, feijão, abacate e patacones.

## LABORATÓRIO DEL ESPÍRITU Y MARIPOSÁRIO

Descemos do ônibus e fomos caminhando por um caminho de terra tomado por vários arbustos, plantas e algumas cercas. Era uma comunidade rural próxima a Medellín chamada Pantanillo, que havia se mantido muito firme e unida durante os anos de conflito armado.

Chegamos ao tão esperado destino, o Laboratorio del Espíritu – o qual ouvíamos as mais lindas histórias. O nome não poderia ser mais lindo e tocante, realmente uma biblioteca pública rural criada em 2009 e com o intuito de “Construir una ruralidad sostenible con mejores capacidades y oportunidades” (LABORATORIO DEL ESPÍRITU, 2022) só poderia ser o mais poético possível. Também afirmam em seu site institucional que “Estamos convencidos del enorme potencial de la zona rural y de las posibilidades de encontrar a través del arte, la educación y la cultura las diferentes historias, técnicas y saberes que fortalezcan sus conocimientos tradicionales”.

Assim que chegamos fomos recebidos por Glória Bermudez – a fundadora – com outras integrantes da biblioteca e fizemos um pequeno tour pela sala de informática, o refeitório<sup>16</sup>, a ludoteca, a biblioteca, a varanda e o jardim. Logo em seguida, nos sentamos no jardim para ouvir um pouco mais das histórias que haviam inspirado a construção da biblioteca, os projetos atuais do centro com a comunidade rural<sup>17</sup> e conversar mais sobre nossos anseios e vontades acerca do Semillero que estávamos pensando em construir com as crianças brasileiras.

Nossos parces – Liz, Estebán e Juli – iniciaram a contação de histórias reais mas que só parecem possíveis em sonho. Os três foram crianças campesinas e moravam na mesma região até o dado momento e resolveram, em 2003, mais ou menos aos 7 e 8 anos, a Fundación de apoyo solidario al Retiro (Fasor) – coordenado por Glória – que a cada quinze dias fazia passeios e caminhos pelas montanhas com um olhar mais cuidadoso e atento para a natureza – insetos e plantas mais especificamente. Eles contaram que era ótimo fazer isso coletivamente com alguma intencionalidade, por ser uma atividade que eles já praticavam anteriormente e um tipo de inseto especificamente chamou a atenção deles – as borboletas.

Contudo, ao passear pelos bosques, uma borboleta muito específica chamou a atenção do trio, uma muito bonitas e que nunca haviam visto antes. Levaram a tal borboleta para os responsáveis da fundação e eles também se impressionaram. Em seguida, foram encontrar com uma professora de biologia, especialista na conservação dos bosques na

---

<sup>16</sup> Chamado de comedouro em espanhol. Aos poucos ia me encantando cada vez mais com a língua, mais envolvente, mais charmosa e com quase nenhum anglicismo - intencionalmente.

<sup>17</sup> Mais um ponto para o espanhol, lá a as comunidades são chamadas de campesinas.

Universidad de Antioquia – Norita Londoño. Durante o encontro, como uma surpresa, receberam a notícia de que essa espécie de borboleta ainda não havia sido catalogada – era uma espécie inédita. Um trio de crianças no interior da Colômbia havia acabado de descobrir uma nova espécie de animal no mundo. O caso ganhou as manchetes e os noticiários, foram chamados de *super-chicos* (super-crianças, em tradução livre) e acabaram por, nesse momento, selar um amor para toda vida.

Depois desse momento, as organizadoras do projeto entenderam o potencial investigativo das crianças e da temática – como pode um outro olhar para o mesmo objeto de pesquisa mudar completamente o rumo de uma área? E se esse olhar for um olhar infantil? Como a ótica de crianças pode criar novas possibilidades de ser e estar no mundo? Descobrir novas formas de vida? Essas perguntas povoaram a minha cabeça enquanto meus olhos estavam cheio de lágrimas — mas eu não era o único, todos os meus colegas estavam igualmente emocionados.

Justamente com Glória e Norita, as três crianças seguiam em uma pesquisa que os converteu em semilleristas da Red Colombiana de Semilleros de Investigación (RedColsi) e ali iniciou-se um movimento. Durante esses quase 20 anos de pesquisa, o grupo encontrou 65 espécies de borboletas nas florestas e identificaram 23 plantas hospedeiras de 18 dessas espécies. Não coincidentemente, a Colômbia é o país com o maior número de espécies de borboletas no mundo – e, como ouvimos, isso tem relação íntima com os semilleristas. O país é morada de 20% das espécies lepidópteras do mundo, de acordo com o estudo publicado em junho de 2021 pelo Museu de História Natural de Londres intitulado "Lista de Borboletas da Colômbia" e liderado pela também colombiana Blanca Huerta.

Em 2008, foi construído o borboletário em Portento - próxima à Pantanillo e, logo no ano seguinte, 2009, a corporação rural Laboratorio del Espíritu. Glória agora inicia a sua parte da contação de como e porque a corporação surgiu. Uma das reclamações coletivas mais escutadas em alguns anos de projeto foi a distância entre as fazendas, como não havia um ponto de encontro que convergesse a comunidade e aglomerasse preocupações e conversas comunitárias. A biblioteca seria então esse espaço. De acordo com Glória as bibliotecas devem ser lugares "abiertos, libres, donde se permita el encuentro de todos, sin prohibiciones". Rapidamente, o espaço foi incorporado na dinâmica e na rotina da comunidade que a cercava.

A biblioteca poderia ser acessada livremente assim como o espaço para reuniões. Logo em seguida, começaram a ser oferecidas diversas oficinas de Educação estética (VIGOTSKI, 2009): escrita, música e artes plásticas. Logo depois, foi criada a ludoteca e o Jornal comunitário. Neste jornal, para além de publicações escritas por camponeses e sobre temas que os interessavam, havia uma personagem sábia criada secretamente por Glória para responder perguntas e dúvidas anônimas da comunidade sobre os mais diversos

temas – uma tecnologia social muito inventiva e inteligente. Havia também leituras comunitárias do jornal a cada edição para as pessoas que não haviam participado ou completado seus processos de alfabetização em uma espécie de fogueira. Por último, os parces nos contaram que, no momento, estavam trabalhando em projetos de jardins que misturavam diversas plantas frutíferas e hospedeiras de borboletas que haviam diminuído sua população ou estavam em risco de extinção por conta da abrupta urbanização desenfreada. O intuito era repovoar, através das plantas, áreas urbanizadas – uma versão literal do ditado *piegas mas real* "cuide do seu jardim que as borboletas vem".

Depois de ouvirmos tudo isso, ficamos um pouco aéreos e sem palavras, algumas perguntas pareciam ter sido naturalmente resolvidas e outras pareciam não ter tido o tempo necessário de sedimentação para serem consolidadas. Toda a questão pedagógica que nos intrigava nos semilleros, de como eram feitas as trilhas e os caminhos investigativos, tinham sido respondidas com a maior naturalidade possível – não havia caminho correto além do que já havíamos iniciado. Uma certa mistura linda do poema "A Trilha que não tomei" de Robert Frost (1920):

*Duas trilhas divergiam sob árvores amarelas  
E eu, triste por não poder percorrer ambas  
E ser um viajante, detive-me em longa espera  
E olhei abaixo o quanto pude, uma delas  
Até onde se dobrava entre as plantas;*

*Então tomei a outra, tão bela quanto correta,  
E talvez por ser a mais atraente  
Por seu gramado almejar o passeio como meta,  
Embora passassem por ali de forma reta  
E usassem ambas de maneira semelhante,*

*E ambas igualmente deitassem naquela manhã  
Em folhas que nenhum passo tornara pretas.  
Ah, eu guardei a primeira para o amanhã!  
Ainda que soubesse como à seguinte leva uma direção  
Duvidei se um dia deveria voltar atrás.*

*Eu contarei isso enquanto expiro  
Em algum lugar, em tempos e tempos:  
Pois duas trilhas em um bosque divergiram, e eu,  
Eu tomei aquela que menos percorreram,  
E isso fez toda a diferença.*

com uma das frases mais célebres e título de um livro de Paulo Freire de 2002: "O caminho se faz caminhando". E o mais impressionante pra mim, pessoalmente, de todas essas histórias foi realmente o contraste do pano de fundo de um país em conflito e tentando se reerguer com a força tão delicada da borboleta – uma imagem tragicamente linda e muito inspiradora. Realmente um "contexto para pensamento crítico e intercâmbio dialético" (HOOKS, 2013) havia sido criado.

Ao fim da conversa, fomos convidados a acompanhar uma linda aula de música com crianças pequenas, que foi igualmente emocionante – uma aula pra mim ver e ouvir o professor por também me interessar por aulas de educação estética e pensar em outras possibilidades menos formulaicas e técnicas, mais expressivas, acolhedoras e terapêuticas. A aula foi engraçada, leve e divertida e em um espaço, similar a um gazebo, com janelas redondas e paredes brancas que faziam com que a cena ganhasse características cinematográficas. Acompanhamos também uma oficina de escrita criativa com jovens, oferecida em roda em uma das grandes salas da biblioteca. Nitidamente, a organização do espaço e a arquitetura eram preocupações fortíssimas e inerentes aos projetos do laboratório.

Seguimos para o comedouro para comer uma deliciosa cazuela paisa<sup>18</sup>. Desde do último ano do Ensino Fundamental, havia parado de comer carne por uma preocupação ambiental, mas dadas as circunstâncias, não queria perder nenhuma oportunidade de experiência – e ainda bem que fiz a concessão. Uma das melhores refeições que fiz na vida, preparada com muito carinho e com uma espécie de feijão que nunca havia comido, servida quente em uma tigela perfeita para esquentar um dia frio e meio chuvoso e compartilhada em uma mesa comprida. Terminamos a refeição e fomos até a ludoteca e lá acabamos todos pegando no sono – outro momento que achei simbólico, mas talvez seja só minha mania de ver sentido em tudo. Dormimos juntos, em uma sala pensada para oferecer brinquedos, jogos e livros para crianças, ou seja, um lugar seguro para todos nós que tínhamos entrado em linha direta com nossas crianças momentos antes.

---

<sup>18</sup> Prato típico da região montanhosa e cafeeira da Colômbia, cozido de feijão com carnes de porco, torresmo, pedaços de abacate e bananas caramelizadas – acompanhada das deliciosas arepitas

### CAPÍTULO 3 – REGISTROS VISUAIS DE UMA PRÁTICA EXPERIENCIADA

Durante toda a viagem, desenhava onde conseguia e sentia uma necessidade urgente de tirar muitas fotos – muitas cenas se fixaram no meu imaginário até hoje. Acredito que esse impulso vem do entrelaçamento entre a arte e as emoções, para melhor elaboração ou aprofundamento de algumas situações vividas – entrando em profundo contato comigo mesmo.

Guatapé com as cores e os motivos do cotidiano impressos em toda uma cidade, com um pouco de surrealismo ou o realismo fantástico tão amado por nós latinos – em telenovelas ou cânones da literatura mundial. As formas redondas e abundantes de Botero, com uma graça inerente. Tudo me instigava, refeições que fazíamos, novas frutas e flores que nunca havia visto e até uma ou outra palavra nova que aprendíamos. A necessidade do registro visual disso tudo, era a necessidade de entrar em contato direto com o sentimento (Citar vig), sem o intermédio das palavras. Desde muito pequeno, é a minha ferramenta mais natural e honesta de expressão.

E, para além do desenho, minha vontade de registro dessa história que ouvimos é uma forma de homenagem e de divulgação dessa linda história de crianças camponesas na Colômbia que apenas olharam com mais carinho para uma situação cotidiana e tiveram suas vidas transformadas. Pensei muito tempo sobre como registrar e compilar todo esse processo e, com a ajuda da minha primeira graduação, design gráfico e também do meu trabalho como ilustrador, entendi que um caminho ótimo seria um livro infantil ilustrado.

Os livros infantis são uma paixão antiga. Não só pelo carinho que nutro desde que aprendi a ler, mas também por adorar a relação potente entre imagem e texto que se estabelece dentro de algumas páginas dedicadas especialmente à crianças. Fui percebendo isso ao longo do tempo, acompanhando outros ilustradores e ilustradoras e contadores e contadoras de histórias – como imagens criadas através da fantasia podem criar outras possibilidades de interpretação e outras possibilidades de conversa sobre uma mesma história que estava sendo contada ali. Por isso, a intenção de ilustrar, escrever e publicar – futuramente – um livro infantil ilustrado. Um que fosse inspirado na história dos impressionantes super-chicos e na cultura colombiana, com a qual me conectei profundamente em nível identitário, sobre o que é ser latino e habitar esse continente.

As histórias permitem que as crianças não só entrem mais profundamente no mundo ficcional, mas que também tenham uma percepção do mundo ao redor à medida que tem mais contato com histórias e ilustrações (FERREIRA *apud* MENDES; VELOSA. 2016). E, nesse mesmo sentido, quanto mais plurisignificativos foram os textos literários e mais polissêmicas as ilustrações, maiores são as possibilidades imaginativas e de

expansão das possibilidades de criação — ampliando seu universo simbólico e imagético (MENDES; VELOSA. 2016). Por isso a importância do registro de novas histórias, com novas perspectivas e novos pontos de vista.

Em seu livro *À sombra desta mangueira*, Paulo Freire compara três tipos distintos de curiosidade: a ingênua, a estética e a epistemológica. A primeira seria a que está presente no dia-a-dia, na vida cotidiana e na existência humana, mas esta é desarmada, ingênua e superficial, espontânea e sem rigor metódico. A segunda, por sua vez, é definida como "forma curiosa de olhar, de nos entregar ao desafio gostosamente". Há ainda a epistemológica que está mais ligada às origens do conhecimento e de onde surgem as perguntas dos porquês mais básicos – um exercício mais indagador e crítico. Comparando a curiosidade ingênua com a epistemológica, seriam respectivamente o senso comum e o conhecimento científico — as três são necessárias em um processo dialógico de educação. Mas, instigar o comportamento investigativo e curioso das infâncias a partir de seus interesses e seu olhar é fomentar a transformação da curiosidade ingênua em curiosidade epistemológica, como sugerida por Freire (2013, pg. 137) quando diz que "O papel, por isso, do educador ou da educadora progressista é desafiar, enquanto ensina, a curiosidade ingênua do educando no sentido de com ele 'partejar' sua criticidade. é assim que a prática educativa vai se afirmando como prática desocultadora de verdades escondidas e não alientante" e acredito que isso pode ser feito através dos livros infantis.

Esse registro inspiracional e estético da experiência vivida se utiliza também do realismo fantástico presente em narrativas inerentemente latinoamericanas. Se inspira em uma história real mas tem certa liberdade para a criação e para a fantasia. Para além de tudo como se elabora subjetivamente, essa história é a prova da necessidade da beleza e da curiosidade estética para os processos educativos. Prova também a necessidade da fantasia e da experiência estética para a completude de uma educação humanizante, comprometida com a transformação social e com a evolução coletiva da humanidade. Entendo a necessidade da fantasia também para o subconsciente. Precisamos entrar em contato com diversas experiências estéticas — das mais diversas naturezas — para que a imaginação possa também se utilizar dessa fantasia e elaborar sentimentos (VIGOTSKI, 2009).

O próximo capítulo do ensaio se configura como um registro visual íntimo de todos esses momentos e alguns esboços de páginas do futuro livro, pois:

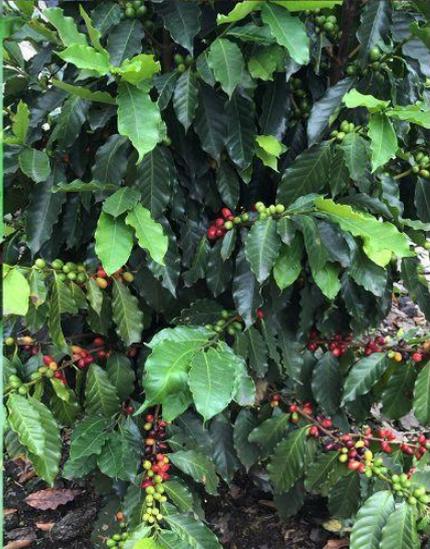
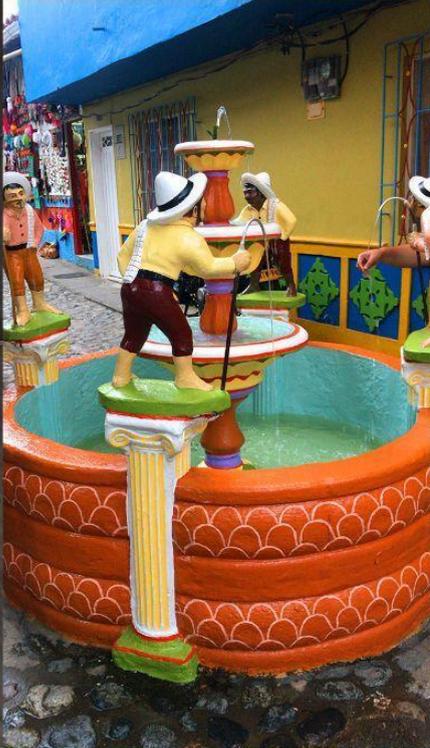
*"A criança precisa, acima de tudo, de se sentir segura e emocionalmente estável para se sentir motivada para aprender a aprender, para se envolver em aprendizagens significativas num ambiente educativo que valorize as suas opiniões e que a estimule em termos cognitivos, psicoemocionais e relacionais. A sua plena integração no grupo, a construção da*

*sua autoestima, o respeito pelas opiniões alheias, a aceitação das diferenças constituem os alicerces de uma educação para a cidadania que se deseja vir a manter-se ao longo da vida. Nesse sentido, e não sendo a única via para atingir esse fim, a literatura para a infância é um precioso auxiliar do educador de infância no desenvolvimento global da criança e, em particular, ao nível do seu desenvolvimento emocional."*

*(MENDES; VELOSA, 2016)*

CAPÍTULO 4 - DE ASAS E DESENHOS



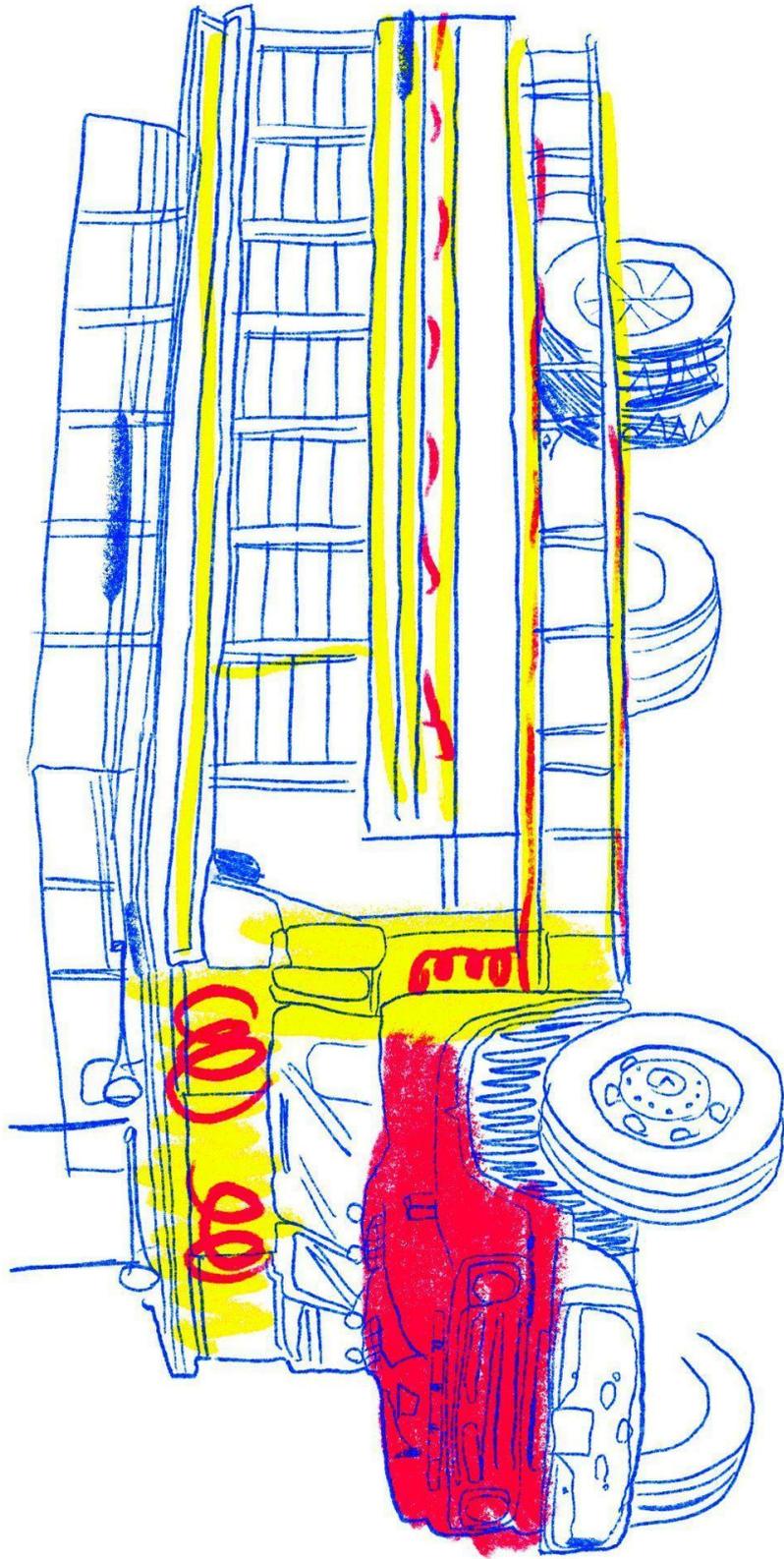


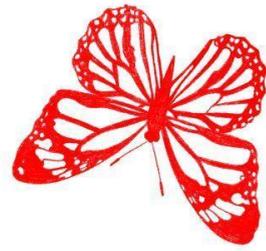
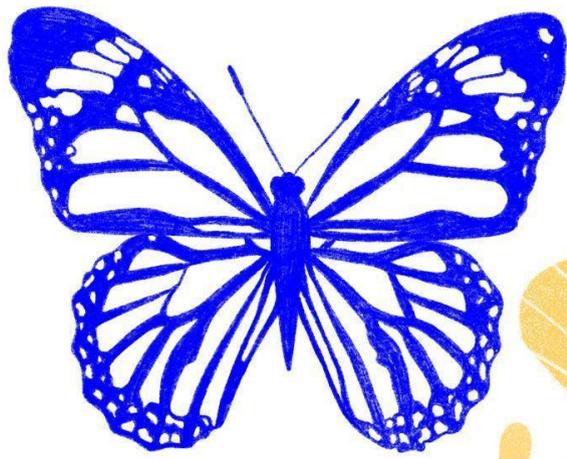


CORES:









## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O contato para aprender com a diferença, a disponibilidade para a escuta ativa e a possibilidade de ser e estar coletivamente se mostram grandes dádivas humanas. Este ensaio parte teórico e parte relato pessoal é a prova disso. Ambientes escolarizados (ILLICH, 1985) não cooptaram todos os processos de aprendizagem e os professores e professoras não são os únicos que tem algo a ensinar (RANCIÈRE, 2017). É possível aprender sobre experiências fantásticas, únicas e transformadoras em uma conversa com crianças em um jardim de borboletas e uma xícara quente de *agüepanela*.

O intercâmbio foi uma ferramenta muito importante para todo esse desdobramento pessoal, profissional, humano e artístico. Por tanto, a criação desse livro tem o intuito de, para além de homenagear, registrar e eternizar essa história de forma estética: inspirar outras crianças curiosas. Mostrar que as infâncias podem pesquisar à sua maneira, através dos seus processos únicos, brincando e se divertindo. Mostrar que a descoberta é um assombro, uma surpresa (MUÑOZ, 2012) e que esse sentimento não pode ser perdido como foi dentro das escolas. Mostrar que tamanho não é documento, que crianças podem fazer coisas gigantescas e adultos fazer coisas ridiculamente minúsculas – como temos visto. Mostrar que a realidade latina existe e é cheia de possibilidades, que as gambiarras e as formas de solucionar problemas que temos são o nosso maior tesouro. Que somos mais parecidos do que diferentes no final das contas. Mostrar a potência (SPINOZA, 2009) que são as crianças latino-americanas.

Por fim, os próximos frutos desse trabalho de conclusão de curso são a apresentação do livro e de todo o processo de elaboração da história e das ilustrações para algumas editoras e então, dar seguimento ao processo de editoração e de publicação. O Semillero Brasil, por sua vez, inicia seus primeiros processos de expansão com grupos de investigação em todas as regiões brasileiras, com as diversas infâncias — também caiçaras e indígenas em suas próprias comunidades. Espero que nesses processos investigativos surjam ainda mais e mais espécies de animais descobertas por crianças.

## REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **À sombra desta mangueira**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2013.

GARCIA, Leila Posenato; DUARTE, Elisete. Infodemia: excesso de quantidade em detrimento da qualidade das informações sobre a COVID-19. **Epidemiol. Serv. Saúde**, Brasília, v. 29, n. 4, e2020186, set. 2020. Disponível em <[http://scielo.iec.gov.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1679-49742020000400001&lng=pt&nrm=iso](http://scielo.iec.gov.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-49742020000400001&lng=pt&nrm=iso)>. acessos em 30 abr. 2022. Epub 03-Set-2020. <http://dx.doi.org/10.1590/s1679-49742020000400019>.

HOOKS, Bell. **Ensinando a Transgredir**. A educação como prática de liberdade. Ed. WMF MartinsFontes., São Paulo, 2013

ILLICH, Ivan. **Sociedade sem Escolas**. 7a edição - Petrópolis: Vozes, 1985.

JAHREN, Hope. **Lab Girl** a jornada de uma cientista entre plantas e paixões/ Hope Jahren; tradução Daniela Rigon. 1. ed. Rio Janeiro: Harper Collins, 2017.

LABORATORIO DEL ESPÍRITU. Medellín, 2022. Disponível em: <https://laboratoriodelespiritu.org/> Acesso em: 30 abr. 2022.

MENDES, Teresa; VELOSA, Marta. Literatura para a infância no jardim de infância: contributos para o desenvolvimento da criança em idade pré-escolar. *In*: DOSSIÊ "Literatura, infância e espaços escolares" • Pro-Posições 27 (2) • May-Aug 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pp/a/D9zYsm8ytkb4QJbqdZhJvFC/?lang=pt&format=pdf>

MUÑOZ, Carlos Calvo. **Del mapa escolar al territorio educativo**: dissonando la escuela desde la educación. 5. ed. La Serena: Editorial Universidad de La Serena, 2012.

RANCIÈRE, Jacques. **O mestre ignorante**: cinco lições sobre a emancipação intelectual. 3a edição, 6a reimpressão - Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

RODRIGUES, Fátima Lucília Vidal; AZEVEDO, Janaína Coelho. Semillas Freiranas na Prática Extensionista Universitária. *In: Escola de educação básica para todos: volume VII [livro eletrônico] / Organizadora Deise Nanci de Castro Mesquita. – 1. ed. – Goiânia: Editora Espaço Acadêmico, 2021.*

RODRIGUES, Fátima Lucília Vidal; BARROS, Mariana Sardinha; MIRANDA, Bruna Wend Ferreira. R-existir com as infâncias: Semillero Brasil como experiência de formação. *In: MEDRADO, Ana Carolina Cerqueira; SALLES-LIMA, Adalberto de; SANTOS, Rita Silvana Santana dos; MATOS-DE-SOUZA, Rodrigo. Em busca de um horizonte: narrativas sobre educação, arte e resistência. Brasília: Edições REDEXP; Manizales: Editorial Universidad de Manizales, 2019.*

RODRIGUES, Fátima Lucília Vidal; SOUZA, Fernanda Chaves de; GOMES DE SÁ, João Vitor Barreto; MUCHAGATA, Lígia Gonçalves; SOARES, Lívia Martins Guimarães. Semillero Brasil e Cientistas da Pesada: uma experiência formativa, alegre e transformadora de investigação com as infâncias. *In: MEDRADO, Ana Carolina Cerqueira; SALLES-LIMA, Adalberto de; SANTOS, Rita Silvana Santana dos; MATOS-DE-SOUZA, Rodrigo. Em busca de um horizonte: narrativas sobre educação, arte e resistência. Brasília: Edições REDEXP; Manizales: Editorial Universidad de Manizales, 2019.*

RODRIGUES, Fátima Lucília Vidal; ESTEVANATO, Daniel Astuti; GOMES DE SÁ, João Vitor Barreto; ROCHA, Janaina Torres; Semillero Brasil: experiências de formação, práticas de resistência e reconhecimento das infancias. *In: III Bienal Latinoamericana y Caribeña de infancias y Juventudes: Desigualdades, Desafios a las Democracias memorias y R-existencias. Manizales, Caldas, Colombia, 2018.*

SOUZA, Fernanda Chaves de; MUCHAGATA, Lígia Gonçalves; SOARES, Lívia Martins Guimarães; SILVA, Natalia de Oliveira. Comunidade de Aprendizagem do Paranoá: Práticas Transformadoras e Vivência Radical das Alteridades. *In: III Bienal Latinoamericana y Caribeña de infancias y Juventudes: Desigualdades, Desafios a las Democracias memorias y R-existencias. Manizales, Caldas, Colombia, 2018.*

SPINOZA, Benedictus de. **Ética**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

VIGOTSKI, Lev Semionovich. **Psicologia Pedagógica**. Porto Alegre: Artmed, 2003.

VIGOTSKI, Lev Semionovich. **Imaginação e criação na infância**. Ática, São Paulo, 2009.